

A ENTREVISTA PSICOLÓGICA MINISTRADA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA: TÓPICOS PARA DEBATE

THE PSYCHOLOGICAL INTERVIEW SUPPLIED IN THE PSYCHOLOGY DEGREE COURSES: TOPICS FOR DISCUSS

MICHÈLLE DOMIT GUGIK*

RESUMO

No presente artigo, há considerações sobre o ensino de técnicas de entrevista psicológica na área de formação clínica, enfatizando-se a importância da prática no decorrer do processo ensino-aprendizagem, o papel ocupado pela entrevista na realização do psicodiagnóstico e a compreensão do acadêmico de Psicologia sobre o uso desse instrumento ao longo da sua carreira. Durante as aulas da disciplina de Psicodiagnóstico, em uma instituição de ensino superior particular, localizada no interior do estado de Santa Catarina, verificou-se a necessidade de aplicar didáticas voltadas ao manejo concreto da entrevista com acadêmicos de Psicologia, conjugando-as aos conhecimentos teóricos, preferencialmente por meio de dinâmicas de grupo. Dessa forma, os estudantes do curso de Psicologia tiveram a possibilidade de apreender os conceitos e entrar em contato com suas próprias inseguranças durante a realização das entrevistas. As simulações proporcionaram exposição controlada e benéfica da ansiedade que, eventualmente, existe em relação ao próprio futuro profissional. Para tanto, foram explicitadas algumas das diferentes modalidades de entrevistas clínicas, que variam de acordo com o objetivo do entrevistador. Certas recomendações aos psicólogos iniciantes e aos estudantes de Psicologia foram salientadas a fim de contribuir para que equívocos, ao longo da caminhada profissional, sejam evitados.

Palavras-chaves: Entrevista psicológica; Formação profissional; Psicodiagnóstico.

ABSTRACT

The present article weaves considerations on the techniques of psychological interview teaching in the clinical formation area, emphasizing the importance of the practice in elapsing of the process teaching-learning; the interview paper in the accomplishment of the psychodiagnosis; as well as, the understanding of Psychology academic's on the use of such an instrument along his career. During the classes of the Psychodiagnosis discipline, in an institution of private higher education located inside the state of Santa Catarina, the need was verified of applying didacticisms directed for the concrete handling of the interview close to the academics of Psychology, conjugating them to the theoretical knowledge, preferentially through group dynamics. This way, the students of the course of Psychology had the possibility to apprehend the concepts and to enter in contact with their own insecurities during the accomplishment of the interviews, whose simulations provided the controlled exhibition and beneficial of the anxiety that eventually have in relation to the own professional future. For so much, there were explicated some of the different modalities of clinical interviews, that vary in agreement with the interviewer's objective. Certain recommendations to the psychologists beginners and the students of Psychology were pointed to contribute so that misunderstandings along the professional walk are avoided.

Keywords: Psychological interview; Professional formation; Psychodiagnosis.

* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e analista em Gestão Educacional da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

Por que é essencial para o estudante de Psicologia conhecer a estruturação e o manejo da entrevista clínica na prática?

No decorrer das aulas ministradas na sexta fase do curso de Psicologia, em uma instituição particular situada no interior do estado de Santa Catarina, percebeu-se que os acadêmicos apresentavam, por um lado, atitudes resultantes do senso comum sobre a importância da entrevista no cotidiano profissional e, por outro, assumiam posturas clássicas e estereotipadas relacionadas ao papel do psicólogo em sociedade; especialmente, no que se refere ao *face to face* com o cliente.

Tal situação delineou a necessidade de se empreender uma reflexão mais aprofundada sobre os currículos oficial e oculto¹ da Graduação de Psicologia, questionando até que ponto o curso tradicional promove a articulação teórica e prática dos conteúdos ministrados e não incentiva a cristalização cultural do papel do psicólogo em sociedade. Tais aspectos precisavam ser revistos junto aos estudantes da referida entidade, para que os conceitos teóricos sobre a entrevista psicológica adquirissem significado atualizado na sua formação processual – tendo em vista que a sociedade, e conseqüentemente os clientes, passam por constantes transformações ideológicas, de infra-estrutura e culturais. Em contrapartida, a concepção geral sobre o papel e a projeção social do psicólogo, entre profissionais considerados gabaritados, bem como estudantes e novatos, permanecia fixada na visão propagada no século XIX, ou

seja, oscilando entre os clássicos símbolos do cachimbo e do divã...

Observou-se no cotidiano da referida unidade de ensino superior que era comum entre os acadêmicos a crença de que entrevistar o cliente – dentre os instrumentos para coleta de informações – consistia na técnica mais fácil, considerando-se a sua posição no processo psicodiagnóstico. Quando indagados a respeito, estas eram as respostas mais frequentes: “Trata-se de uma conversa...”; “É mais fácil do que aplicar o teste do Rorschach...”; “Serve para questionar os dados pessoais do cliente”; “O paciente fala e eu escuto”; (...) “a entrevista é fácil perto de certos testes, que são mais precisos e de difícil interpretação”; “Entrevistar não é tão difícil quanto investigar o problema do paciente a fundo”.

As falas citadas revelam a confusão que os acadêmicos matriculados na disciplina de Psicodiagnóstico faziam em relação às especificidades dos testes psicológicos e as diferenças que existem entre as várias modalidades e funções das entrevistas (anamnese, diagnóstica, devolutiva, entre outras). Além disso, notou-se a visão deturpada sobre o papel do cliente no decorrer da relação terapêutica, já que o termo paciente sugere passividade, ao passo que o termo cliente altera a posição para uma ação conjunta - parceria.

Ao apresentar a coletânea de produções referentes as diversas etapas do processo psicodiagnóstico, Cunha (2003, p. 75) afirma que a entrevista clínica é o instrumento mais poderoso do psicólogo – o mais indispensável

¹ Segundo alguns teóricos da área educacional, o currículo de um curso divide-se em oficial e oculto. O oficial remete às disciplinas, a seus conteúdos programáticos e à articulação entre os conhecimentos ministrados. Já o oculto diz respeito às implicações práticas e éticas resultantes do currículo oficial, inclusive no plano interpessoal.

de todos que possam ser colocados a seu alcance. Segundo a autora, esse “lugar privilegiado” nem sempre tem recebido a devida valorização, considerando-se que as técnicas de entrevista favorecem a manifestação das particularidades do sujeito. Com isso, permitem ao profissional acesso amplo e profundo ao outro, ao seu modo de se estruturar e de se relacionar, mais do que qualquer outro método de coleta de informações.

Em que etapa do psicodiagnóstico a entrevista clínica é necessária? Até que ponto o entrevistador está ciente dos procedimentos adequados ao seu manejo? Enfim, quando e como utilizar a entrevista? - pergunta genérica que os estudantes da sexta fase ainda não respondiam. A prática lhes parecia um campo minado e desconhecido, já que o curso tradicional lhes proporcionava uma visão essencialmente teórica sobre a atuação do psicólogo, até aquela fase.

Através de aplicação de entrevistas simuladas, empregando técnicas de grupo em turmas diferentes da mesma instituição, observou-se a reação de perplexidade por parte dos acadêmicos ao se depararem com as variáveis que poderiam surgir durante uma entrevista real. Variáveis que, muitas vezes, não constam nos manuais e nos roteiros esquematizados de entrevistas e têm a ver com a reação emocional do aluno a esses fatores imprevisíveis, tais como atitudes e posturas do entrevistado, respostas e comportamentos inesperados, entre outros. Eles puderam perceber que a referida técnica envolve, pois, a própria subjetividade do entrevistador e que esta pode influenciar a relação psicólogo-cliente para melhor ou pior, especialmente em se tratando do seu desempenho durante a entrevista. Situação a

que todos os psicólogos estão sujeitos – dos menos aos mais experientes.

A entrevista consiste em um processo, no qual estão em jogo as dimensões pessoais do entrevistador e do(s) entrevistado(s). Sua dinâmica determina a convergência entre dois ou mais “universos” pessoais – entrelaçando-se e complementando-se em esferas de ordem consciente, pré-consciente e inconsciente, decorrentes da história pregressa dos indivíduos envolvidos, bem como das suas percepções pessoais que ficaram gravadas. Frente a todos esses aspectos, considera-se ainda a cultura e a convivência familiar em que psicólogo e o cliente foram criados; as motivações que os fazem agir desta ou daquela maneira; as relações estabelecidas por eles nos planos afetivos, sociais e profissionais; e, até mesmo, os fatores orgânicos e geográficos.

Será mesmo fácil ignorar tantas variáveis e cumprir o roteiro de perguntas previamente esquematizadas? E mais, será possível analisá-las e combiná-las entre si, considerando-se o fragmentado e complexo mosaico que são? Não é fácil ignorar, muito menos compreender o detalhamento de informações aparentemente desconexas. No entanto, é necessário enfrentar a magnitude da tarefa, já que está em risco a ética profissional do psicólogo.

Realizar uma entrevista é, por si só, um árduo processo que exige toda a capacidade de análise, síntese e de interpretação – além do olhar treinado – que só a prática poderá fornecer ao estudante de Psicologia.

Portanto, buscou-se modificar a didática expositiva/dialogada da disciplina ministrada, a fim de inserir o estudante em um contexto mais aproximado da realidade da entrevista. Foram utilizadas simulações e situações-problemas (estudos de casos) a

fim de incentivar a iniciativa do acadêmico e promover a ruptura do papel estereotipado do profissional, bem como a redução da ansiedade do estudante frente à incógnita que representa o cliente de carne e osso. Assim, a combinação entre psicodrama e técnicas de dinâmica de grupo, como ferramentas didático-pedagógicas, revelou-se mais eficaz para o desempenho acadêmico do que as técnicas tradicionais de leitura e interpretação de textos referentes aos estudos de casos – utilizando perguntas do tipo “causa do problema e sintomas associados”.

MÉTODOS

Foram selecionadas e submetidas à didática combinada e às técnicas de grupo três turmas da sexta fase do ensino superior.

Todas as turmas passaram pelos seguintes procedimentos: primeiramente, utilizouse o método didático de ensino tradicional, expondo verbalmente os métodos de entrevista, com a apresentação de esquemas e modelos para os estudantes. Posteriormente, foram utilizados instrumentos para avaliar a compreensão dos alunos frente às técnicas apresentadas. Isto é, situações-problemas em forma de relatos de entrevistas transcritas – sob a forma de estudos de casos – foram propostas, e os estudantes resolveram-nas da maneira convencional, já identificada e prevista durante o diagnóstico de classe² efetuado nas primeiras semanas de aula. Os alunos argumentaram e reproduziram os conhecimentos expostos na literatura, por meio de casos similares.

Essa primeira etapa da disciplina consistiu em um levantamento de informações, visando a confrontar a turma com contradições e repetições dos discursos tradicionais em suas falas, as quais foram empregadas em épocas e países diferentes, e estão contidas em textos clássicos publicados.

A segunda etapa consistiu em simular situações reais de entrevista, a fim de mobilizar a atenção dos alunos perante os aspectos da entrevista que eles desconsideravam durante as avaliações realizadas, na primeira etapa. Foram empregadas, para tanto, técnicas psicodramáticas. A professora interpretou o papel de alguns tipos de pacientes, portadores de certas psicopatologias e solicitou quatro alunos voluntários em cada turma, para representarem o papel do psicólogo-entrevistador. Cada representação demonstrou relações diferentemente estabelecidas, durante o primeiro contato com o cliente, na entrevista.

Como futuros psicólogos, os estudantes deveriam conduzir as entrevistas de acordo com o conhecimento adquirido ao longo do curso, em relação aos procedimentos cabíveis. Os casos dramatizados ilustraram entrevistas clínicas com portadores de esquizofrenia, psicose, depressão e histeria. O restante da turma permaneceu como expectadora, observando o desenrolar da “peça teatral”. Houve, ao término, um debate a respeito das reações e sentimentos pessoais diante da atuação dos alunos voluntários, tanto por parte da platéia, quanto dos participantes. Equívocos e acertos sobre a postura profissional foram levantados e discutidos. O debate estendeu-se às aulas seguintes, quando a necessidade de explicar

² Isto é, buscou-se averiguar o conhecimento pré-existente sobre o tema, entre os estudantes, a fim de definir as diretrizes do plano de aula. O processo de diagnóstico com aprendizes consiste em técnica da Pedagogia, como procedimento básico utilizado pelo professor para verificar o nível cognitivo da turma, bem como os pontos fortes e fracos das suas atuações, a serem explorados durante a elaboração das atividades subsequentes.

as ações por meio das teorias tornou-se premente. Vale salientar que a dramatização converteu-se em estímulo para que os próprios alunos tecessem as relações necessárias entre os conceitos e a prática.

Na terceira etapa, foram utilizadas técnicas de dinâmica de grupo. Os acadêmicos deveriam dividir-se em grupos que montariam as fases do psicodiagnóstico, para trabalhar em sistema de cooperação e trocar informações entre si. Eles simularam a atuação profissional de uma equipe interdisciplinar. Cada grupo possuía um conjunto de fichas com os títulos dos passos:

TABELA 1

Fases apresentadas aleatoriamente:

Contato
Entrevista diagnóstica
Aplicação de testes
Aplicação de re-testes
Enquadre
Contrato de trabalho
Plano e/ou estratégia de avaliação
Fechamento
Interpretação dos resultados dos testes
Diagnóstico
Prognóstico
Devolução
Hipótese diagnóstica
Anamnese

Os passos estavam igualmente fora de ordem para todos os grupos e nas posições acima apresentadas. De acordo com os problemas (estudos de casos) fornecidos a cada grupo, os alunos deveriam colocar as fichas na ordem adequada das fases do psicodiagnóstico, explicando o porquê da posição de cada uma na discussão geral posterior.

TABELA 2

Posições gerais, agrupadas e organizadas pelos alunos, com mediação da professora, contendo ligeiras modificações em cada grupo, de acordo com o problema apresentado no estudo de caso:

1ª Fase: Contato; Anamnese; Contrato de trabalho; Enquadre; Entrevista diagnóstica

2ª Fase: Hipótese diagnóstica; Plano e/ou estratégia de avaliação

3ª Fase: Aplicação de testes

4ª Fase: Interpretação dos resultados dos testes

5ª Fase: Aplicação de re-testes

6ª Fase: Entrevista diagnóstica

7ª Fase: Fechamento - Entrevista devolutiva; Diagnóstico; Prognóstico

Na última etapa, educadora e estudantes elaboraram um roteiro prático e geral das principais perguntas que deveriam figurar nas diferentes etapas do psicodiagnóstico e nas diferentes modalidades de avaliação diagnóstica, a fim de confirmar um diagnóstico diferencial e/ou explorar a especificidade das patologias (as quais devem ser mantidas, a princípio, como hipóteses diagnósticas). Tal processo consistiu esclarecimentos gerais sobre as questões levantadas durante as etapas desencadeadas ao longo do planejamento da disciplina.

QUADRO 1

Objetivo da Avaliação Psicológica Clínica	Prováveis núcleos-temáticos das estruturas de entrevista
Classificação Simples – amostra do comportamento do examinando, comparada aos outros sujeitos da mesma população pesquisada.	A entrevista deve tecer comparações entre o quadro anterior apresentado pelo sujeito e o posterior à avaliação.
Classificação Nosológica – testagem de hipóteses iniciais, tendo como referência os critérios diagnósticos pré-estabelecidos.	Perguntas apoiadas nas respostas fornecidas às perguntas realizadas nas entrevistas iniciais. Portanto, estas últimas requerem preparação detalhada, haja vista que vão fundamentar o processo subsequente.
Diagnóstico Diferencial – investigação de especificidades e semelhanças, freqüências e intensidade dos sintomas, para excluir diagnósticos que conduzam a mais de uma patologia.	Perguntas diretas e/ou indiretas a fim de extrair respostas conscientes ou instintivas, que revelem aspectos essenciais para formar o quadro de sintomas.

Avaliação Compreensiva – mapeamento do funcionamento da personalidade e suas funções, bem como da capacidade de reação do cliente a determinadas situações.	Utilização de enunciados introdutórios mais longos a fim de ilustrar situações que precedem as perguntas. A entrevista seria incrementada por uma contextualização preparatória.
Entendimento Dinâmico – ultrapassa o objetivo anterior: integra as funções da personalidade às bases teóricas explicativas.	Perguntas previamente formuladas com base nas hipóteses iniciais; as respostas dadas desencadeiam novas perguntas e interpretações por parte do entrevistador.
Prevenção – detecção precoce de riscos e/ou problemas que podem advir das características da personalidade do cliente, eclodindo em situações de estresse ou comportamentos inadequados.	Perguntas centradas no cotidiano do cliente, suas reações diante da crise ou de eventuais imprevistos, bem como lidar com os problemas diários.
Prognóstico – verificação do curso do problema e indicação dos possíveis caminhos terapêuticos.	Perguntas que visam a investigar a predisposição do cliente em aceitar o resultado do diagnóstico e os seus desdobramentos.

FONTE: CUNHA, J. **Psicodiagnóstico** – V. Porto Alegre: ARTMED, 2003, p. 57; categorias extraídas e adaptadas da tabela original.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Verificou-se que a combinação de técnicas psicodramáticas junto às de dinâmica de grupo auxiliou a mudar a compreensão dos alunos sobre a atuação prática do psicólogo – provocando reflexões em relação à ética profissional. Isso foi confirmado através das avaliações posteriores, durante as quais os estudantes foram questionados a respeito das situações-problemas apresentadas na

primeira etapa. Sem acesso às respostas que forneceram inicialmente, eles emitiram opiniões mais apuradas acerca dos mesmos problemas, após terem vivenciado as simulações. Apresentaram, também, um olhar clínico mais fidedigno e imparcial diante das circunstâncias que poderiam surgir no consultório.

Os comentários românticos e de senso comum, em relação à maioria das respostas, deram lugar à consciência das próprias limitações e da grandeza da tarefa que é lidar com o ser humano: “Entrevistar é investigar todo o contexto que envolve a queixa do paciente...”; “É articular na prática o conhecimento científico, ao mesmo tempo em que separo os meus anseios e carências dos anseios e carências do cliente...”; “A entrevista precisa ser bem elaborada, porque uma frase ou pergunta impensada pode prejudicar todo o processo de cura, de entendimento da queixa inicial, ou de auto-descoberta...”; “Existem diferentes técnicas de entrevista, dependendo da queixa e da hipótese diagnóstica. Na verdade, a avaliação toda é um processo em que o sucesso de cada fase depende da fase anterior”; “Há entrevistas utilizadas com crianças – como a entrevista lúdica; há entrevista de caráter devolutivo, motivacional, diagnóstica, etc., e o conjunto de perguntas utilizado em cada modalidade não pode ser o mesmo da outra”; “Eu que pensei ter aprendido tudo o que precisava saber sobre o contato com o cliente... Ledo engano...”, foram algumas das falas que surgiram, dentre as respostas dos acadêmicos.

Dúvidas sobre o próprio desempenho, em relação ao futuro profissional, assolaram a

maioria dos futuros profissionais, quando simularam consultas e entrevistas. Essas reações podem ser negativas ou positivas, dependendo de como o docente do curso de graduação trabalha tais questões com seus acadêmicos.

Assim, o planejamento da disciplina enfocou basicamente a formação de profissionais questionadores, que valorizam mais o raciocínio do que as respostas prontas e acabadas, ou o conforto enganoso da certeza oriunda da interpretação literal das teorias psicológicas.

O papel da disciplina de Psicodiagnóstico, portanto, cumpriu-se: questionar e provocar a auto-análise do ser humano que está por trás do profissional. Afinal, o instrumento básico do psicólogo é ele mesmo. E se a onipotência obscurece o olhar clínico, o profissional não conseguirá realmente perceber o cliente por inteiro, e sim a projeção de suas próprias carências e necessidades sobre aquele; isto é, refletirá a própria imagem no outro.

O estudo epistemológico do fazer pedagógico em relação à docência em Psicologia conduziu à compreensão óbvia e já de senso comum – porém, em certos casos, pouco praticada – de que a universidade tem o dever de formar profissionais conscientes e cidadãos. E não profissionais meramente reprodutores de conhecimentos adquiridos em outras realidades, culturas e épocas.

REFERENCIAIS TEÓRICO-PRÁTICOS

Aos estudantes de Psicologia é imprescindível o conhecimento das modalidades e objetivos das entrevistas. No contexto clínico, assim como nas demais áreas de atuação psicológica, a entrevista é um dos instrumentos

fundamentais para a investigação científica. Ela pode ser estruturada em dois tipos básicos: aberta e fechada. Na primeira, o entrevistador tem amplitude para efetuar perguntas ou intervir de acordo com o conteúdo revelado pelo entrevistado, o que possibilita maior flexibilidade em relação à personalidade deste último. No segundo tipo, o roteiro de perguntas é prefixado, ou seja, trata-se de uma espécie de questionário elaborado previamente, de acordo com os objetivos anteriormente verificados através da literatura e das demandas provenientes do problema de pesquisa. O questionário é empregado geralmente na coleta de dados para sondagem, fornecendo subsídios pertinentes às diretrizes da investigação.

Há ainda um terceiro modelo, denominado semi-estruturado, com questões que permitem a reformulação ou acréscimo de novas perguntas de acordo com o ritmo da entrevista.

Assim, as entrevistas caracterizam-se de acordo com seus objetivos primordiais: beneficiar o entrevistado (cliente); coletar dados de pesquisa; ou levantar dados em função de terceiros (solicitantes). Diferentes objetivos requerem tipos específicos de planejamento, por causa do conjunto de variáveis envolvidas em cada situação. Conseqüentemente, o enquadre³ é modificado (até certo ponto) de acordo com o objetivo e o andamento de cada entrevista.

Os fatores que motivaram a intervenção psicológica são os componentes que diferenciam a entrevista utilizada na consulta, da utilizada na anamnese – alvos de freqüentes con-

fusões por parte do estudante de Psicologia. A consulta é uma assistência técnica fornecida, que acontece de diferentes maneiras. Uma delas é entrevista. Já a anamnese consiste em um levantamento de dados preexistentes, que extrai uma síntese do passado e do presente do cliente – pelo qual se verifica a trajetória de sua doença e/ou queixa. Dessa maneira, a entrevista será o instrumento mais flexível do qual dispõe o psicólogo, como argumenta Cunha (2003, p. 57-75):

[...] a entrevista é a técnica de avaliação que pode mais facilmente se adaptar às variações individuais e de contexto, para atender às necessidades colocadas por uma grande diversidade de situações clínicas e para tornar particularidades que escapam aos outros procedimentos.

A técnica propicia o ambiente adequado para se investigar a conduta e a personalidade humana em sua totalidade – visão que reside no arcabouço teórico-prático influenciado por determinadas correntes epistemológicas. O seu conjunto é o responsável pela flexibilidade presente na execução da entrevista. Entre essas correntes, pode-se citar a contribuição do Behaviorismo, Psicanálise, Gestalt e Topologia.

Os conceitos presentes nos pressupostos básicos da entrevista psicológica são provenientes de recortes epistemológicos que se inter-relacionam, tornando necessário que o acadêmico compreenda o reflexo histórico de tais influências, pois estas culminaram no domínio e ênfase da entrevista clínica sobre

³ O enquadre possui variáveis que devem ser mantidas em constância, e variáveis que podem ser modificadas de acordo com a flexibilidade do caso e sua necessidade.

a dimensão e os atributos do inconsciente; sobre os mecanismos de transferência; resistência; repressão; de interação entre o entrevistador e o entrevistado; bem como sobre o delineamento do campo intersubjetivo e suas leis de configuração, os quais regem o enfoque situacional.

Esses são aspectos que devem ser incorporados e compreendidos pelo futuro profissional, quanto à “arte de entrevistar”. Afinal, o método científico precisa encontrar pontos de ligação com a experiência cotidiana e corriqueira da conversa. É preciso observar a mudança no tom de voz do cliente, ou na sua postura; relacionar os indícios que se apresentam no decorrer do psicodiagnóstico, a fim de assinalar detalhes que, geralmente, escapam ao próprio cliente.

Como campo específico – dotado de forças convergentes e divergentes próprias da interação entre duas ou mais pessoas – a entrevista bem sucedida deverá restringir e manter constantes as variáveis que emanam da personalidade do profissional e do paciente (BLEGER, 1964). O entrevistador precisa controlar o espaço intersubjetivo, na mesma proporção que favorece ao entrevistado a função de dirigi-lo. Portanto, o campo⁴ é um contexto dinâmico. As várias facetas da personalidade do entrevistado vão aflorar paulatinamente, em momentos diferentes – e não a um só tempo. Cabe ao hábil manejo do entrevistador que isso ocorra da forma mais construtiva possível.

Como não poderia deixar de ser, entrevistador e entrevistado formam um

grupo – uma totalidade – em que ambos se inter-relacionam através da comunicação verbal, pré-verbal e não-verbal. A conduta de um reflete na do outro e vice-versa. Como toda interação humana, desencadeia a troca de impressões pessoais inconscientes e pré-conscientes. No caso do psicólogo e do cliente, estamos falando de dois conceitos específicos: a transferência e a contra-transferência. Da transferência, emergem afetos e condutas inconscientes por parte do cliente, devido às relações objetais e aos modelos estabelecidos em suas relações interpessoais. O entrevistado projeta papéis sobre a figura do entrevistador e se comporta em relação a ele segundo estes. Na contra-transferência, por outro lado, emergem conteúdos inconscientes do entrevistador, como resposta ou reação à conduta do entrevistado.

Isso é algo bom ou ruim para o psicodiagnóstico? Depende da habilidade do entrevistador em efetuar uma auto-análise crítica sobre a própria conduta profissional (*Insight*) e de dirigir a transferência e a contratransferência em benefício do processo diagnóstico e terapêutico. A ansiedade, quando bem dosada, pode ser um componente positivo na entrevista, pois impulsiona a relação interpessoal e promove a erupção dos conflitos (GARCIA ARZENNO, 1995). Dessa forma, a entrevista precisa ser norteadas pelas variáveis da personalidade do entrevistado; não devendo servir de muletas para ele no jogo contratransferencial. Portanto, a definição do enquadre é vital, desde o princípio do processo.

⁴ Campo: conceito proveniente da Gestalt, procura delinear o espaço simbólico, intersubjetivo e concreto que se entrelaça no decorrer da interação da pessoa com o ambiente, ou entre ela e outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo adequado da entrevista e de todos os aspectos que merecem destaque e que competem ao entrevistador – transferência e contratransferência, observância das linguagens verbal, pré-verbal, e corporal, etc. – garantem a conduta ética profissional. A entrevista não é um mero roteiro fixo, composto de perguntas-padrão para cada tipo de patologia. Trata-se de um processo, no qual o psicólogo analisa todo o contexto que envolve o cliente e avalia as diretrizes do seu trabalho frente ao histórico que lhe foi exposto, valendo-se de todos os canais de comunicação estabelecidos entre ele e o queixoso.

A compreensão da complexidade da tarefa de entrevistar é extremamente importante para o acadêmico de Psicologia. Ao entrar em contato com os fundamentos da entrevista clínica, é possível provocar uma abertura pedagógica e catártica, oportunizando ao estudante o encontro consigo mesmo; com as suas inseguranças e incertezas sobre a profissão e a capacidade de cada acadêmico. Dilemas que são freqüentes para qualquer formação profissional.

No curso de Psicologia, porém, observa-se algo complexo – à medida que o estereótipo do profissional “semideus”, ou “sabe-tudo” permeia o imaginário de muitos acadêmicos e profissionais das áreas humanas e da saúde, os instrumentos que utiliza na prática podem ser contaminados por tal estereótipo.

Cabe ao docente mediar a relação entre o estudante e o conteúdo teórico-prático, a fim de converter os seus medos em alavancas motivadoras para a auto-superação. Se tais

questões permanecerem encobertas no decorrer do curso, fatalmente hão de irromper na atuação profissional, provocando danos que, possivelmente, transformar-se-ão em auto-recriminações ou traumas, colocando em risco a saúde mental do psicólogo e, conseqüentemente, do seu cliente.

Propiciar ao acadêmico o contato com a prática de maneira gradativa (da simulação à interação real), é uma maneira de trabalhar possíveis conflitos vocacionais quanto à prática profissional e prepará-lo para a atuação, na qual será preciso refletir sobre a teoria e a prática.

Nas questões relativas à execução do psicodiagnóstico, a pressão profissional é maior, já que o tempo se torna restrito e os resultados são incisivamente cobrados por meio da emissão de laudos técnicos. Estarão os estudantes de psicologia preparados para emitilos? Eles terão a confiança necessária para definir o problema do seu cliente, bem como determinar os devidos encaminhamentos que o caso porventura requeira?

A sondagem inicial efetuada com as turmas da instituição revelou que os estudantes de Psicologia freqüentemente não se sentem preparados para a atuação prática e desconhecem as nuances presentes na interação entre entrevistador e entrevistado.

A empatia, principal característica pessoal do psicólogo, necessita de treino. Colocar-se no lugar do outro faz parte do aprendizado acadêmico e cotidiano. A Psicologia como uma ciência humana deve privilegiar o método objetivo, porém não pode deixar de lado o conhecimento popularmente desenvolvido nas relações sociais, já que este

constitui ferramenta valiosa para a compreensão terapêutica sobre a queixa do cliente - seu alvo maior.

REFERÊNCIAS

BLEGER, J. **Psicodiagnósticos**: a entrevista psicológica. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, 1964.

CUNHA, J. **Psicodiagnóstico** – V. Porto Alegre: Artmed, 2003.

